 DOI: 10.13137/2035-6633/19901

Nápoles aos olhos de Clarice Lispector: a cidade inscrita em suas correspondências

Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres[*]

Abstracts

The Author analyzes the letters of the Brazilian writer Clarice Lispector to her family and friends, during her stay in Naples/Italy, with the aim of identifying and analyzing the writer's impressions of the city, at that time devastated by the World War II as well as by the recent eruption of the Vesuvius. In addition, the Author deals with Clarice Lispector's contact with the wounded person, victims of war, in napolitan hospitals. The theoric model supporting this analysis is based on the feminist literary criticism with focus on the *gynocritics*, strand that goes back to the history of women writers, their intellectual trajectories and the various genres to which they dedicated themselves.
Keywords: Clarice Lispector, Naples, correspondence

La Autora análiza las cartas enviadas a la familia y amigos durante su estancia en Nápoles por la escritora brasileña Clarice Lispector, con el fin de identificar y analizar sus impresiones de la ciudad, que en ese momento estaba devastada por la Segunda guerra mundial y la reciente erupción del Vesubio. La Autora también se refleja en la obra de Clarice Lispector con los heridos, las víctimas de la guerra, en los hospitales napolitanos. El modelo teórico que apoya este análisis es la crítica literaria feminista, en particular los estudios de *gynocritics*, que se centran en la historia de las mujeres escritoras, en sus trayectorias intelectuales y en los diversos géneros que se han dedicado.
Palabras clave: Clarice Lispector, Nápoles, correspondencia

L'Autrice studia le lettere indirizzate dalla scrittrice brasiliana Clarice Lispector alla famiglia e agli amici durante il suo soggiorno a Napoli, con l'intento di identificarne e analizzarne le impressioni sulla città, all'epoca devastata dalla seconda guerra mondiale e dalla recente eruzione del Vesuvio. Esamina inoltre l'operato di Clarice Lispector negli ospedali napoletani nei suoi contatti con i feriti, vittime della guerra. Il modello teorico su cui L'Autrice poggia l'analisi è la critica letteraria femminista, più specificamente nel campo degli studi di *gynocritics*, focalizzati sulla storia delle scrittrici, sulle loro traiettorie intellettuali e sui diversi generi a cui si dedicarono.
Parole chiave: Clarice Lispector, Napoli, epistolari

[*] Universidade federal do Espírito Santo, Brasil; e-mail: lilian.lima86@gmail.com.

Introdução

Clarice Lispector possui uma obra literária rica e instigante. A escritora é dona de um estilo próprio, dando um caráter bem peculiar às suas narrativas. Clarice escreveu muitas crônicas e contos, além disso, fez nove romances, dentre eles *A paixão segundo GH* (1964), *A maçã no escuro* (1961), *A hora da estrela* (1977), *O lustre* (1946), *Perto do coração selvagem* (1943), seu primeiro livro. Sua vida e obra vêm possibilitando a realização de inúmeros estudos, com perspectivas bastante diversas.

É com base nas possibilidades múltiplas que a obra clariceana nos oferece, que este estudo, se detém, não aos seus textos literários propriamente ditos e já consagrados, mas sim às suas cartas, publicadas no livro *Correspondências* (2002). Nele estão reunidas algumas cartas que Clarice Lispector enviou e recebeu ao longo de sua vida, as conversas com escritores contemporâneos seus, personalidades políticas, família e amigos. São rastros deixados pela própria autora a respeito de si e do mundo que a cercava. Nesta leitura, nos deteremos às cartas escritas por ela, no período em que viveu na cidade de Nápoles, situada na região da Campânia ao Sul da Itália.

1. A perspectiva teórica

Ao longo dos últimos anos, houve um crescimento significativo da abordagem do pensamento feminista também no meio acadêmico o que implicou na construção da teoria feminista em suas distintas modelagens. Realizaram-se diversos debates acerca do espaço relegado à mulher também na literatura, pois a autoria feminina consiste numa das áreas em que as novas concepções feministas refletiram. Segundo Dheiky Rocha (2007) o marco da crítica feminista é a publicação de *Sexual Politics*, de Kate Mille, em 1970, em que a autora apresenta discussões sobre a posição secundária ocupada pelas mulheres nos romances de autoria masculina.

É importante salientar que a crítica feminista, no viés literário, ocupa-se em analisar os estereótipos femininos nas obras produzidas por homens e mulheres. O trabalho dessa vertente de estudos teórico-

críticos desconstrói alguns dos estereótipos, além de estudar as marcas peculiares da produção feminina, em cada época específica. Volta-se para o *ser mulher*, que se constitui mediante os papéis socialmente estabelecidos de mãe, esposa, filha, dona de casa, enfim, para a compreensão de como as mulheres se representam em suas obras. Nesse contexto, é relevante levar em conta que a sociedade tendeu a se guiar por uma cultura falocêntrica, ou seja, pelo «primado do falo como árbitro da identidade» (Hollanda, 1994: 9), o que dita os padrões de comportamento para o homem e a mulher, os quais são reforçados na narrativa literária que, posteriormente, passa a expressar movimentos que buscam a ruptura com estes.

Desde então, adotou-se uma atitude questionadora diante do que Rocha (2007) chamou de «prática acadêmica patriarcal». Muitos críticos, em especial na França e nos Estados Unidos, vêm debatendo sobre o papel da mulher na sociedade e sobre o reflexo disso no meio literário. Destaca-se, portanto, de acordo com Toril Moi (2006) duas vertentes da crítica feminista: a teoria feminista francesa e a angloamericana. Em ambas as correntes ressalta-se a preocupação com a mulher, sua identidade e seu papel na esfera social enquanto um ser diferente, isto é, a busca pelo lugar e valorização da diferença. Na crítica francesa, o campo feminista se amplia. Os estudos levam em conta questões de linguística, semiótica e psicanálise, segundo Rocha (2007). Há aqui o intuito de identificar uma linguagem feminina. Conforme Moi (2006), Hélène Cixous e Julia Kristeva são nomes de destaque nesse período. A primeira tem seus estudos voltados para as relações entre mulher, feminilidade, feminismo e a produção literária. Kristeva se voltaria para as questões de linguística, sexismo e linguagem, a aquisição da linguagem e o *feminino* como posto à margem social.

A crítica angloamericana tem seus primórdios nos anos 1960, momento em que a mulher conseguiu o direito legal do sufrágio em boa parte do mundo ocidental. Nesse período, «el principal objetivo de la crítica feminista ha sido siempre político: tratar de exponer las prácticas machistas para erradicarlas» (Moi, 2006: 10)[1]. Moi (2006) afirma que cinco mulheres se destacam enquanto atuantes no campo da literatura: Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Katherine M. Rogers, Mary

[1] «O principal objetivo da crítica feminista tem sido sempre político: expor as práticas machistas com o intuito de erradicá-las» (Tradução nossa).

Ellmann, Kate Millett. Tais estudiosas constituíram a base da crítica feminista angloamericana. O campo de atuação da crítica literária vai desde os aspectos políticos e sociais, salientados pelo movimento político como um fator de crítica cultural importante, até aspectos ligados às questões literárias propriamente ditas, como a estética, a estrutura e gênero dos textos, dentre outros. Heloísa Buarque de Hollanda (1994) revela o prestígio desta corrente que procurou «denunciar os aspectos arbitrários e mesmos manipuladores das representações da imagem feminina na tradição literária e particularizar a escrita das mulheres como o lugar potencialmente privilegiado para a experiência social feminina» (Hollanda, 1994: 11).

Elaine Showalter (1994), em sua trajetória pela crítica feminista angloamericana, sistematizou duas vertentes de estudo da crítica literária. A primeira vertente corresponde a uma crítica feminista propriamente dita que tem suas atenções voltadas para a mulher, enquanto leitora. Além disso, tal vertente lida com a interpretação do texto literário e com a análise dos estereótipos femininos e do sexismo que permeiam a crítica literária tradicional e dá pouca ou quase nenhuma representatividade à mulher na história literária.

A outra vertente, e a que orienta de modo mais sistemático a leitura que faremos a seguir das cartas clariceanas, volta-se para mulher como escritora, vendo como relevante a história dessas escritoras, os temas abordados em suas obras, estilos e estruturas de seus escritos. Desse modo, os estudos privilegiam a criatividade feminina, a sua carreira individual e coletiva, a evolução dessa carreira; por fim, analisam a formação de algumas regularidades para uma tradição literária de mulheres. A denominação desse tipo de crítica foi estabelecida por Elaine Showalter (1994): «Como não existe um termo em inglês para este discurso crítico especializado, inventei o termo gynocritics (ginocrítica). A ginocrítica oferece muitas oportunidades teóricas, o que não acontece com a crítica feminista. Ver os escritos femininos como assunto principal força-nos a fazer a transição súbita para um novo ponto de vantagem conceptual e a redefinir a natureza do problema teórico com o qual deparamos» (*Ibidem*: 29, grifos do autor). Ambas as vertentes apresentadas por Showalter (*Ibidem*), por sua relevância e contribuição para compreensão e aplicação dos estudos de gênero no meio literário, são utilizadas e citadas em vários trabalhos. De acordo

com Moi (2006), Elaine Showalter é uma das críticas feministas norte-americanas mais importantes.

No Brasil, a crítica feminista data da década de 1970, ampliando-se nos anos 1980. Heloísa Buarque de Holanda (2003) informa que, em 1985, coincidindo com a formação do Conselho nacional pelos direitos da mulher (Cndm), aconteceram, na Universidade federal de Santa Catarina (Ufsc), as primeiras mobilizações de pesquisadores de literatura acerca das questões de gênero. Em 1986, constitui-se o Grupo de trabalho (Gt) *Mulher na literatura* na Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em Letras e linguística (Anpoll), em que, como afirma Rocha (2007), a crítica literária feminista brasileira teve grande expressão, talvez a maior do País. Embora, curiosamente, Rocha (2007) nos diz que o princípio da construção de uma tradição literária feminina foi responsabilidade de Clarice Lispector, que inaugura a fase da literatura feminista no Brasil, com a publicação de sua primeira obra *Perto do Coração Selvagem,* no ano de 1943. Este romance de Clarice estrutura-se em torno das relações de gênero, levantando as diferenças sociais existentes entre os sexos. A obra clariceana, quer a autora tenha se proposto a isso ou não, assume a marca do protesto em relação à sociedade patriarcal, pois desnuda, usualmente, o cotidiano feminino, com as vivências e opressões por que passam as mulheres.

2. Clarice Lispector: vida e literatura

Diante da perspectiva teórica aqui adotada, falar da vida de Clarice Lispector é, portanto, crucial. Clarice Lispector estreia no palco da vida em 10 de dezembro de 1920. Nasceu numa aldeia ucraniana, chamada Tchetchelnik, quando os pais judeus migravam de seu País em busca de condições melhores e mais seguras de sobrevivência. Recém-chegada, com dois anos de idade, em terras brasileiras, Chaya passou a se chamar Clarice.

De acordo com Moser (2011), a tradição judaica e os hábitos de estudo marcam a origem da família de Clarice. A família Lispector vivia bem na Ucrânia, até que, com a eclosão da 1º guerra mundial, os abusos e maus-tratos direcionados aos judeus cresceram consideravelmente. Nessa época,

por volta de 1918, uma série de *pogroms*[2] varreu a Ucrânia. Os Lispector, à época, viviam na cidade de Haysyn. Por volta de 1915, quando o pai Pedro Lispector, que ganhava a vida como mascate, estava distante a trabalho, um bando invadiu a cidade onde viviam. Na casa deles, refugiaram-se outras mulheres e crianças. Sua mãe, Marieta Lispector (Mania Lispector), para salvar os que ali estavam, vai até a rua implorando para evitar a invasão e destruição de seu lar. Moser (2011) conta que nesse episódio, apesar da hipótese não ter sido amplamente confirmada, a mãe de Clarice foi estuprada, protegendo assim as duas filhas mais velhas desse horror, e contraiu sífilis, doença que por conta da precariedade do período de guerra não podia ser tratada. Devido da sífilis, Mania Lispector morreria no Brasil, anos mais tarde.

No entanto, havia uma superstição na Ucrânia, a qual dizia que as doenças eram causadas por forças impuras e que podiam ser curadas com bênçãos, amuletos, ervas, dentre outros. A gravidez aparece, nesse contexto, com uma das milagrosas curas para determinadas doenças. No caso da família Lispector, a chegada de mais um bebê representava a cura para sífilis. É nesse cenário de misticismo, fé e esperança que Clarice é concebida, como sinônimo de salvação. Mas, Benjamin Moser (2011) relata que a doença da mãe alcança seu segundo estágio ainda durante a gravidez e, por sorte, Clarice não foi infectada.

A família Lispector – Pedro, Marieta, embora doente, e, agora, as três filhas, Tania, Elisa e Clarice – é obrigada a sair da Ucrânia em 1921, viajando por vários Países, nas condições mais perigosas e precárias, assim como tantos judeus e outras minorias étnico-religiosas. Até que, em 1922, têm a chance de se refugiarem no Brasil. A primeira cidade a recebê-los foi Maceió, onde já viviam alguns parentes de Clarice, por parte de mãe. Clarice Lispector teria aproximadamente um ano e meio à época da chegada. Após três anos em Maceió, por conta das condições de trabalho precárias e de problemas familiares – os

[2] Os *pogroms* consistem em ataques violentos à população judaica em toda a Europa, sobretudo, no leste da Ucrânia. As cidades e aldeias eram invadidas por bandos de homens armados, que entravam na casa dos judeus e os matavam a sangue frio, quando não os submetiam antes a torturas, independente de sexo e idade, estuprando ainda as mulheres antes de assassiná-las, na frente de seus parentes. Os grupos saqueavam e assassinavam as famílias, levando os objetos de valor, animais e alimentos, até que nada mais restasse naquele lugar.

familiares no Brasil nunca acolheram em verdade aqueles que chegavam ainda mais empobrecidos – Pedro Lispector e sua família mudaram para Recife. Nadia Gotlib (1995) diz que a chegada em Recife se deu provavelmente por volta de 1924. Clarice deveria ter aproximadamente 4 anos de idade, e viveu por lá até aproximadamente 15 anos, quando a família mudou-se para o Rio de Janeiro, já tendo perdido a matriarca. O Recife sempre esteve vivo em Clarice, como revela Moser (2011) e, apesar da vida economicamente austera, a escritora se lembrava dele com o sentimento de saudosa alegria de uma infância que não mais voltaria.

No Rio de Janeiro, Clarice estudou direito e, no curso, conheceu seu marido, Maury Gurgel Valente. Não exerceu o ofício, mas começou a escrever visando à publicação de suas histórias nalguns jornais. Trabalhou nalguns deles, a exemplo do *Correio da Manhã* e do jornal *A noite*. A diplomacia, carreira do marido, levá-la-ia a novas paisagens. Viveu na Itália, Inglaterra, Estados Unidos, etc. Escreveu sucessivas cartas às irmãs e aos amigos, muito saudosa. Sua afetividade transborda e se vê que, em que pese a companhia de algumas esposas de homens em idêntica situação a de seu marido, ou mesmo do zelo deste, ela está infeliz longe do Brasil. No exterior, escreve, envia os textos para publicação, com alegria, recebe notícias da repercussão dos mesmos na terra de onde se sente *exilada*.

Separada, volta ao Brasil com os filhos. Passa a morar no Rio de Janeiro e de lá não mais sai, exceto para viagens curtas, de acordo com Moser (2011). Alimenta, a seu modo, o seu círculo de amizades, do qual fazem parte Rubem Braga, Nélida Piñon, Autran Dourado, Érico Verissimo, Fernando Sabino. Os filhos crescem. O mais velho, Pedro, com esquizofrenia, muda-se para a casa do pai que já está novamente casado e trabalhando como embaixador em Montevidéu, no Uruguai; já o mais novo – Paulo – passa a morar sozinho, ainda que próximo da casa da mãe. Quanto a Pedro, Clarice reconhece que a madrasta é especialmente atenciosa no cuidado com seu filho, talvez, mais do que ela própria. É a escrita que preenche sua existência e a cada ponto final ela está exausta. Destaca-se, mais do que ela própria é capaz de reconhecer, em razão de constantes problemas financeiros, de recebimento de direitos por seus livros publicados, republicados, traduzidos, como escritora, idolatrada por muitos, mesmo que ela tenda a reter as críticas mais mordazes a seu trabalho.

Vale ressaltar, que Clarice Lispector surge no meio literário nos anos 1940. Sua ascensão causa um choque nos críticos e leitores da época, segundo Yudith Rosenbaum (2002). Foi uma das primeiras repórteres brasileiras, sendo a única mulher redatora na Agência Nacional de sua época. Sua verdadeira paixão estava na escrita. Após divorciar-se do marido se redescobriu, fez da palavra sua forma estar no mundo, estranho tantas vezes. Experimentou a vida, conservou amizades, cultivou-as, recolheu-se, agitou-se, até sobreviveu a um incêndio em sua própria casa. Vítima de um câncer uterino, morreu em 1977. Sobre Clarice, Moser (2011) revela:

> A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama de experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, 'eu sou vós mesmos' (Moser, 2011: 18, grifos do autor).

Percebe-se, ainda, que a literatura clariceana, marcada pelo tom intimista, não é, por isso, desvinculada da realidade social em que a autora vivia. Afinal, consideram-se suas próprias palavras:

> Eu admito a literatura claramente participante. Se não faço isso é porque não é do meu temperamento. A gente só pode tentar fazer bem as coisas que sente realmente. Os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante não são os fatos em si, mas a repercussão dos fatos no indivíduo. [...] Acho que, sob esse ponto de vista, eu também faço livros comprometidos com o homem e a realidade do homem, porque realidade não é um fenômeno puramente externo (Lispector apud Abiahy, 2006: 11).

A preocupação de Clarice Lispector com o social aparece de forma sutil. Ela atribui inequívoca relevância ao trabalho de tantos escritores mais atentos aos fenômenos sociológicos e históricos de sua época, mas não se sente igualmente apta a seguir a mesma trilha, confessa.

3. A passagem por Nápoles

Era o ano de 1944, e Clarice Lispector, então casada com o diplomata Maury Gurgel Valente, empreende uma longa viagem rumo à Europa. O destino final era a cidade de Nápoles, onde Maury foi designado a servir como vice-cônsul. A viagem começou no dia 19 de julho daquele ano, o casal segue primeiro do Rio de Janeiro para Natal, e lá são hospedados na base norte-americana de Panamirim. Esperados os trâmites legais, os diplomatas partem no dia 24 do mesmo mês. Clarice, por sua vez, teve que ficar sozinha na capital do Rio Grande do Norte, a espera do momento adequado para partir, afinal era preciso que os diplomatas – o cônsul Narbal Costa e os vice-cônsules Maury e Luiz Porto – instalassem o novo consulado, segundo Gotlib (2016). Em carta destinada a Lúcio Cardoso, a viajante conta as suas primeiras impressões:

> Estou lhe escrevendo de Natal, do horrivelzinho Grande Hotel daqui. Maury embarcou ontem e eu estou esperando condução talvez para esse fim de semana. Só tomara que isso tudo já siga um rumo claro, porque estou tão desorientada. Quer dizer, tudo está correndo bem, mas eu estou em Natalzinho e com saudades de minhas irmãs, de Maury, de meus amigos do Rio e de Belém (Lispector, 2002: 48).

Clarice Lispector segue viagem somente no dia 30 de julho de 1944, tendo como destino primeiro Portugal. Passou por várias escalas na África até chegar a Lisboa, onde ficou por dez Dias. Gotlib (2016) conta que o destino seguinte foi o Marrocos, para onde Clarice embarcou como correio diplomático, portando uma correspondência para Vasco Leitão da Cunha, embaixador brasileiro em Roma, a quem deveria encontrar em Casablanca. Já aqui os traços das experiências da escritora no exterior vão se formatando. Em 19 de agosto de 1944 escreve para as irmãs comentando sobre a experiência:

> Na verdade eu não sei escrever cartas sobre viagens; na verdade nem sei mesmo viajar. É engraçado como, ficando pouco em lugares, eu mal vejo. Acho a natureza toda mais ou menos parecida, as coisas quase iguais. [...] Estou em Argel desde terça-feira à tarde. No dia 14 embarquei para Casablanca e a viagem correu bem como sempre. Fui como correio diplomático, carregando comigo um grande embrulho, sem largá-lo um instante. Mas isso me facilitou arranjar prioridade para Argel, no dia seguinte (*Ibidem*: 49).

Como explica a própria Clarice, o seu próximo destino foi Argel, onde a Delegação Brasileira em que trabalhava o cunhado Mozart Gurgel Valente se encontrava. Ali, a escritora ficou hospedada por doze dias. Na mesma carta supracitada, Clarice Lispector dá notícias sobre os seus próximos passos: «No dia 24, quinta-feira, vou para Nápoles com o Mozart e dr. Vasco (que é uma simpatia) – eles se destinam a Roma, mas é a mesma condução» (*Ibidem*: 50). A escritora faz ainda uma primeira descrição de como ela espera que as coisas ocorram em Nápoles: «Certamente quando eu chegar a Nápoles já encontrarei um alojamento arranjado, lavadeira e lugar para comer... todos dizem que na Itália podem-se encontrar os melhores criados do mundo» (*Idem*). Entretanto, ao mesmo tempo em que fantasia um lugar aconchegante em Nápoles, ciente dos acontecimentos trágicos que acometeram a cidade e que acometiam toda a Europa, dá notícias de lá, tentando, parece, tranquilizar as irmãs: «Mozart, que esteve em Nápoles há poucos meses, diz que as coisas lá não estão tão difíceis assim – e ele viu a cidade há meses. Agora os Americanos devem ter melhorado ainda mais. Não nos faltará nada, estou certa, principalmente em relação à comida por causa dos americanos que nos auxiliarão certamente» (*Idem*: 50).

A esperança nos americanos e nas boas condições que encontrariam está explícita na escrita de Clarice. No entanto, ainda num tom de receio, termina a carta prevenindo a irmã sobre uma possível falta de notícias: «É quase certo que durante algum tempo não poderei escrever, por condições de Nápoles mesmo. [...] Mas no caso – falta de notícia é boa notícia: para qualquer coisa que houver mesmo tola, arranjar-se-ia comunicação com o Brasil. Estou bem e Maury também» (*Ibidem*: 52).

Segundo Nadia Gotlib (2016), Clarice Lispector embarca somente no dia 25 de agosto. Foi uma viagem longa, de muitos transportes – navio, avião, tudo isso em tempos de guerra. Toda viagem, desde Natal, é narrada pela escritora numa carta endereçada a Lúcio Cardoso. Assim se sentia Clarice quando finalmente chegou a Nápoles, vinda de Argel: «Depois fui de navio, já então com dr. Vasco Leitão da Cunha e meu cunhado que trabalha com ele, até Taranto, sem largar um instante o salva-vidas obrigatório, comboiada nos dois destróieres. Em Taranto tomamos o avião particular do comandante-em-chefe das forças aliadas

do Mediterrâneo e chegamos a esta cidade. Eu estava moralmente exausta» (*Ibidem*: 56).

Depois de dias de viagem, finalmente Clarice chegou ao seu destino. Não só moralmente exausta como revela no trecho acima. Ela que nascera com uma voracidade para escrita, inicia aí um longo período improdutivo: «Todo esse mês de viagem nada tenho feito, nem lido, nem nada – sou inteiramente Clarice Gurgel Valente» (*Ibidem*: 50). É bem verdade que as condições da viagem, os muitos lugares de chegada e de partida, os lugares em que se hospedou e as tensões de cruzar o oceano em tempos de guerra não eram propícios.

À época Nápoles era umas das cidades mais importantes no conflito bélico, pois está situada numa posição estratégica. De acordo com Lucia Monda (2016), foi a cidade italiana mais bombardeada, entre os anos 1940 a 1944, sendo o ano de 1943 um dos piores anos e com grande número de mortos, inclusive de civis, porém é nesse ano que a cidade passa a ser controlada pelas forças aliadas. É, portanto, uma cidade fragilizada e devastada pela segunda guerra mundial. Para completar o cenário trágico, em 18 de março de 1944, o Vulcão Vesúvio volta a entrar em erupção. Informações encontradas no site Meteoweb (2016: 1), nos deixa a par dos números deixados pela erupção: «26 vittime (alcune delle quali per i crolli dei tetti sotto il peso dei materiali vulcanici), 12 mila evacuati, le strade di interi Paesi ricoperte da uno spesso strato di cenere o da metri di colate laviche, i raccolti delle campagne distrutti, le truppe alleate sconvolte dal fenomeno insolito ed inaspettato».

Segundo Benjamin Moser (2013), após a cidade ter sido liberada em 1943, a população napolitana estava inserida numa grande miséria, carente de alimentos e o que se encontrava era muito caro. Depois da erupção do Vesúvio, como dito acima, completando o desastroso quadro, Moser (2013) destaca o grande apego que a população tem para com a religião, provavelmente único alento à época. Rubem Braga (1945), citado por Moser (2013), então correspondente do *Diário Carioca*, registrou em seus textos algumas características da cidade no período:

> La gente di Napoli vive miseramente, è vestita male, mangia poco – e la libertà è piena di restrizioni [...]. Il mercato nero funziona ovunque: a volte hai la tragica, comica impressione che ognuno cerchi di trovare qualcosa da acquistare per 20 lire e rivenderlo per 40 a qualcuno che lo rivenderà a 70 a

> qualcun altro, il quale lo rivenderà ancora – e via così, fino ad un punto della catena in cui il cittadino deciderà di usare l'articolo con soldi scoperti solo Dio sa dove. [...] Non vedi la fame assoluta in giro, quella che dicono esista in Grecia e in altri Paesi. Il cibo è costoso ma almeno c'è (Braga, 1945, apud Moser, 2013: 94).

Ao chegar em Nápoles, Clarice Lispector encontra o contexto exposto, repleto de tragédias e cinzas, e com a guerra ainda em curso. Esses aspectos não fogem às vistas da escritora. Assim ela descreveu Nápoles: «Isso aqui é lindo. É uma cidade suja e desordenada, como se o principal fosse o mar, as pessoas, as coisas. As pessoas parecem morar provisoriamente. E tudo aqui tem uma cor esmaecida, mas não como se tivesse um véu por cima: são as verdadeiras cores. Um edifício novo aqui tem um ar brutal» (Lispector, 2002: 56). A cidade, aos olhos de Lispector, mantem a marca da desordem e dos vestígios do caos em que vivia. O véu, provavelmente, resquício das cinzas deixadas pelo vulcão, mas que também já não cobrem mais a cidade, faz alusão a falta de cor viva que rodeava Nápoles. O edifício novo, símbolo de uma possível reconstrução da cidade, não consegue mudar o tom das coisas. A realidade em 1944 era de fato brutal. Embora, destaque a beleza que aquele lugar resguarda.

Ao falar da cidade, Clarice não deixa de reparar nas crianças que estão nas ruas. É outra face da triste situação que vivia a população naqueles tempos. Incrivelmente, ela consegue iniciar o discurso sobre o tema de forma leve, falando do quanto as crianças a impressionam. Mas ao final, conta a degradante realidade a que também elas estão submetidas. A tragédia ainda é maior, pois faz frio e neva: «Aqui as ruas são atapetadas de bambinos, principalmente os becos. A gente fica boba para passar entre eles (nos becos todos vivem na rua, cozinham até), crianças que engatinham, crianças que já têm ar sabido, imundas, com aspecto saudável na maioria, com a carinha vegetativa, sentadas ao chão. Tem feito bem frio, de vez em quando cai um pouco de neve» (*Ibidem*: 64).

Embora não reflita diretamente sobre a condição da população e, nas cartas, não fale de algo efetivo para mudar aquela realidade, a situação não passa despercebida pela escritora, que poderia estar alheia a tudo aquilo, já que estava segura e com todas as boas condições de vida garantidas na embaixada. A condição de Clarice era de fato melhor do que a maioria da população napolitana, mas não a agradava muito:

«Quero também não morar com tanta gente. Estamos num apartamento grande, com todos do consulado que são ótimas pessoas; mas eu nunca precisei de ótimas pessoas. Mas enfim por enquanto nada há a fazer» (Lispector, 2002: 56), disse Clarice numa carta a Lúcio. Clarice fala também do Vesúvio, sua erupção de 1944: «Um dia desses fui ver a lava do Vesúvio [...]. Depois de um ano ainda estava quente; é uma extensão enorme, negra, de vinte a trinta metros de altura; a gente anda sobre casas, igrejas, farmácias soterradas. A erupção foi em março de 1944 e quando chove sai fumaça ainda» (*Ibidem*: 71).

Como afirma a escritora, mesmo depois de um ano, as marcas do desastre natural ainda eram evidentes, mas a sua atenção não está centrada somente na tristeza que aquilo representa. Então poeticamente, usa o mar como contraste:

> Com certeza eu já lhe disse que o mar aqui é absolutamente azul; mas como estou com a porta do quarto aberta para terraço, vi o mar e me lembrei de dizer de novo. E certamente já lhe falei em Posilipo, que é um lugar. Em grego quer dizer pausa da dor. A dor realmente fica um instante suspensa, tão doces são as cores, tão sem selvageria, tão belo, tão belo é o lugar com mar, árvores, montanha. A minha impressão é quase ruim: há coisas bonitas em excesso, parece que eu não tenho tempo ou força, o fato é que ficaria mais calma com uma (*Idem*).

Enquanto a degradação da cidade é vista de modo brutal por Clarice, pois as crianças, a sujeira, a falta de condições adequada de vida, são motivos para transformar Nápoles em um lugar desagradável, o contraponto é feito pela natureza, que chega a ter uma beleza excessiva, segundo a escritora, mas que naquele contexto, em que o sofrimento imperava, admirar o mar, representava uma pausar a dor.

Clarice descobre um modo de atuar socialmente na época, mais especificamente, encontra uma maneira de ajudar os soldados brasileiros, que atuaram na guerra, e estavam feridos no hospital gerido por americanos em Nápoles. Em tempos de guerra toda ajuda é bem vinda, e assim os enfermeiros puderam contar com o suporte de Clarice Lispector, para tanto, ela teve que conseguir as devidas autorizações tanto da autoridade militar brasileira, quanto da americana, como afirma Moser (2013). Ela conta compartilha a experiência também em suas correspondências: «Estou trabalhando no hospital americano, com os brasileiros. Visito diariamente todos os doentes, dou o que eles precisam, converso, discuto com a administração pedindo coisas, enfim sou

formidável. Vou lá todas as manhãs e quando sou obrigada a faltar fico aborrecida, tanto os doentes já me esperam, tanto eu mesma tenho saudades deles» (Lispector, 2002: 70). De acordo com Moser (2013), Clarice ia diariamente ao hospital, depois de passar pelo árduo processo de obter autorização, haja vista sua condição civil, ainda que integrante do corpo diplomático. Lá, conversava, lia as cartas dos familiares, escrevia cartas pelos feridos, dava conselhos, fazia jogos, levando um pouco de atenção e humanidade aos que ali estavam.

O período passado na cidade de Nápoles representou para Clarice um momento infrutífero em termos de escrita, como referido anteriormente. Ela diz para Lúcio Cardoso em uma das cartas a ele endereçadas: «Não consigo lhe dar a ideia do que é isto aqui. Nem de mim mesma. Não sei o que está me fazendo triste e cansada. Talvez eu precise começar a trabalhar de novo» (Lispector, 2002: 58). A improdutividade chega a influenciar no sentimento da escritora em relação à Itália, como escreve numa outra carta, quando comenta sobre o uso de uma expressão no romance *O lustre*, que posteriormente encontrou uma semelhança com uma usada por Proust:

> E agora estou lendo Proust, tomei um choque ao ver nele uma mesma expressão que eu tinha usado no Lustre, no mesmo sentido, com as mesmas palavras. A expressão não é grande coisa, mas nem sendo medíocre se chega a não cair nos outros. Mas isso não importa tanto. O que importa é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso que não tenho feito. Minha impaciência chega a ser tão grande que às vezes me dói. Assim não tenho gostado verdadeiramente da Itália, como não poderia gostar verdadeiramente de nenhum lugar; sinto que há entre mim e tudo uma coisa, como se eu fosse daquelas pessoas que têm os olhos cobertos por uma camada branca (*Ibidem*: 63).

A escritora relata nas cartas sobre as leituras que fez durante esse tempo, pensa sobre sua obra e sobre os livros e autores aos quais os críticos comparam seus textos. Proust, Emily Brontë, Gide, K. Mansfield compõem o rol de escritores lidos por Lispector nesse tempo. É, portanto, um momento de pouca escrita, pois escreve as cartas sobre as quais nos debruçamos agora, mas de muita reflexão. O mais importante ainda pulsa, ou seja, prevalece a vontade de escrever: «Sinto horrivelmente ter quer dizer esse véu é exatamente minha vontade de trabalhar e ver demais. Um dia desses pensei com tristeza de como é genial a mediocridade... sinto tanto, tanto ser tão fraca. Gostaria de tal, de tal forma poder trabalhar sem parar. Mas não consigo, as coisas vêm esparsas – e além disso eu de tal

modo desconfio de mim, com medo de escrever facilmente com a ponta dos dedos, que nada faço» (*Idem*). Enfim, nem as belas cores da natureza napolitana que se contrapõem ao cinza dos trágicos momentos inspiraram Clarice. Ela tinha muita sede de escrita, mas não consegue materializar tudo aquilo que vê e sente: «Eu queria fazer uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem. Acho mesmo que meu mal é querer todos os instantes» (*Idem*). E a Itália é sim, para a escritora, o lugar onde essa inquietude se manifesta. Escreve para Lúcio Cardoso, em fevereiro de 1945: «Você vê que as coisas se completam perfeitamente na Itália. Estou tentando escrever qualquer coisa que me parece tão difícil para mim mesma que eu me contenho para não me desesperar. É alguma coisa que nunca será gostada por ninguém, mas não posso fazer nada» (*Ibidem*: 66).

Umas das grandes preocupações, que remete à condição de escritora, é quanto à publicação do seu livro *O lustre*. Nas cartas ela fala sobre o livro, sobre a escolha do título e pede tanto às irmãs quanto ao amigo Lúcio Cardoso que arrumem uma editora para publicá-lo. Foi sua irmã Tania que conseguiu a editora Agir para publicar o livro, como conta Clarice numa das cartas.

A guerra acaba e Clarice comemora com euforia. Para as irmãs comenta a reação dos italianos sobre a notícia: «Aqui não houve comemorações senão feriado ontem; é que veio tão lentamente esse fim, o povo está tão cansado (sem falar que a Itália foi de algum modo vencida) que ninguém se emocionou demais» (*Ibidem*: 73). Mais uma vez a escritora estranha o comportamento e os hábitos daquele País em que vivia. Na última carta envida de Nápoles para Tânia, publicada no livro *Correspondências* (2002), fala de modo mais explícito sobre seu sentimento em relação a si na cidade: «Na verdade não tenho ido a festa, que Nápoles tem pouca vida social. Tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada, etc. [...] Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs. Mas fique tranquila, eu tenho levado uma vida como de todo mundo» (*Ibidem*: 75). Aqui Clarice já dá sinais de seu desconforto em estar longe do Brasil. De fato, a saída do País e a situações por que passou nos primeiros anos não foram muito agradáveis. Maury é transferido e eles partem da Itália, o desconforto segue com ela em todos os Países fora do Brasil em que viveu.

4. Considerações finais

Certamente as cartas escritas e recebidas por Clarice falam muito mais do que foi dito aqui, de sua escrita, de sua experiência, da época em que ela viveu. Esperamos, no entanto, ter traçado as principais impressões dessa escritora sobre a cidade de Nápoles e sobre a sua vida ali.

A cidade e seu contexto oportunizaram Clarice a viver experiências talvez inimagináveis no Brasil, a proximidade da guerra, a ajuda humanitária. Além disso, representou um período de improdutividade, mas de profunda angústia, o que provavelmente reverberou nas escritas posteriores, no tom intimista, na marca sutilmente social, na escrita provocadora. Nápoles, aos olhos da escritora, era contradição – o caos, a destruição e a sujeira causados pela guerra, pelo vulcão, e as cores vibrantes e apaziguadoras do mar, das montanhas, da natureza.

Referências bibliográficas / References

Gotlib Battella N., *Clarice. Uma vida que se conta*, Ática, São Paulo, 1995.

Gotlib Battella N., *Cronologia Clarice Lispector*, disponível em http://claricelispectorims.com.br/Facts, 2016, acesso em 05/09/2016.

Buarque de Hollanda H. (cur.), *Tendências e impasses - O feminismo como crítica da cultura*, Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

Buarque de Hollanda H., *O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil*, in Buarque de Hollanda H. (cur.), *Gêneros mediações e práticas de escrita*, Sete Letras, Rio de Janeiro, 2003, pp.15-28.

Lispector C., *Correspondências*, organização de Teresa Montero, Rocco, Rio de Janeiro, 2002.

Mateoweb, *L'ultima eruzione del Vesuvio nel marzo del 1944: la cronaca e 8 storiche fotografie esclusive*, disponível em http://www.meteoweb.eu/2012/09/lultima-eruzione-del-vesuvio-nel-marzo-del-1944-la-cronaca-e-8-storiche-fotografie-esclusive/151953/ #qklmib0ghzqrfopz.99http://wwwmeteoweb.eu/2012/09/lultima-eruzione-del-vesuvio-nel-marzo-del-1944-la-cronaca-e-8-storiche-fotografie-esclusive/151953/#qklmib0 ghzqrfopz.99, 2016, acesso em 05/09/2016.

Moi T., *Teoría literaria feminista*, Cátedra, Madrid, 2006.

Monda L., *Napoli durante la II guerra mondiale ovvero: i 100 bombardamenti di Napoli*, disponível em http://www.isses.it/Convegno050305/Monda.pdf. 2016, acesso em 05/09/2016.

Moser B., *Clarice, uma biografia*, Cosac Naify, São Paulo, 2011.

Moser B., *Principessa di Napoli*, «Rivista di Cultura Brasiliana», 2, settembre 2013, pp.86-99.

Rocha D., *A construção da imagem feminina nas leituras clariciana e luftiana*, Alagoas, Encontro regional dos estudantes de letras, 2007.

Rosenbaum Y., 2002, *Clarice Lispector*, Publifolha, São Paulo, 2002.

Showalter E., *A crítica feminista no território selvagem*, in Hollanda H. Buarque (cur.), *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*, Rocco, Rio de Janeiro, 1994, pp.23-57.

Recebido: 14/01/2017
Aprovado: 07/05/2017